Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

A imagem como fenda: o reencantamento pelas HQ's de Paulo Moreira em resposta à anti-hermenêutica das narrativas de IA [1]

Image as a rift: re-enchantment through Paulo Moreira's comics in response to the anti-hermeneutics of AI narratives

Renata de Oliveira Soares
Cláudio Cardoso de Paiva

Palavras-chave: Midiatização; Inteligência artificial; Reencantamento; Circulação.

1 INTRODUÇÃO

O cenário contemporâneo de hipermidiatização é profundamente marcado pela rápida ascensão e capilarização das narrativas sintéticas geradas por sistemas de inteligência artificial (IA). Esse ecossistema tecnológico, impulsionado por algoritmos generativos de texto, imagem e voz, transformou a produção cultural em um fluxo contínuo de conteúdos automatizados, cuja velocidade de distribuição desafia as formas tradicionais de recepção e engajamento crítico. Fenômenos recentes na plataforma TikTok, como as populares "novelinhas de frutas", narrativas dramáticas ou humorísticas cujos personagens são frutas antropomorfizadas geradas por IA, sob roteiros e vozes

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

inteiramente sintéticos, exemplificam de forma categórica essa nova dinâmica de produção de conteúdo em larga escala.

Essas produções operam a partir de um apelo estético superficial que encanta pela técnica, mas, conforme Nick Couldry (2014), essa engrenagem de produção em massa opera uma "anti-hermenêutica": a recusa em interpretar o social como construção de significado. A narrativa automatizada não emerge da experiência humana vivida, mas sim de modelos probabilísticos que mimetizam padrões de linguagem sem qualquer ancoragem em vivências ou intencionalidades subjetivas.

O problema central dessa transição reside no solapamento dos objetos de conhecimento e da própria agência do sujeito pela eficiência algorítmica e da busca incessante por métricas de engajamento monetizável, gerando um desencantamento do sujeito perante tecnologias fascinantes, porém vazias de nexo vincular. O usuário consome um volume de imagens e histórias que não convidam à reflexão, oferecendo um fechamento interpretativo que atrofia o pensamento crítico.

Diante desse panorama de saturação sintética, torna-se urgente investigar as manifestações artísticas que atuam na contramão dessa lógica de mercado. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como a resistência estética dos quadrinhos autorais de Paulo Moreira se coloca como uma verdadeira "fenda" interpretativa, propondo um reencantamento através do traço e do humor situado, restabelecendo a necessidade da interpretação e salvaguardando o vínculo sensível entre autor e leitor.

2 METODOLOGIA

A pesquisa pautou-se em uma abordagem qualitativa de cunho comparativo, utilizando como estratégia o método indiciário proposto por Ginzburg (1989) e transposto para a comunicação por Braga (2008). Segundo Braga (2008, p. 77), a disciplina indiciária permite que o pesquisador busque "pistas e sinais que, embora aparentemente periféricos, revelam a lógica estruturante de um fenômeno". Neste trabalho, os indícios são as marcas de enunciação deixadas tanto pelo algoritmo quanto pelo traço humano. A

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

análise fundamenta-se no que Sodré (2021) define como o "bios midiático": um ambiente onde a tecnologia é uma nova forma de existência social.

Dessa forma, seguem os objetos de análise reconfigurados a partir da sua materialidade empírica de circulação:

- **Objeto A (Sintético):** Vídeos do perfil Bruxo Narrador publicados na plataforma TikTok. O corpus empírico é composto por um conjunto de 5 capturas de tela que englobam a página principal do perfil, a organização serial da playlist intitulada "Moranguete" e fragmentos visuais dos três primeiros episódios da saga. A seleção do perfil justifica-se por seu caráter pioneiro e pela alta capilaridade de visualizações no TikTok. Além disso, o perfil não se limita à reprodução de conteúdo, mas utiliza as narrativas como vitrine para a venda de cursos e infoprodutos, o que o torna um caso emblemático da lógica de mercado que orienta a produção sintética.

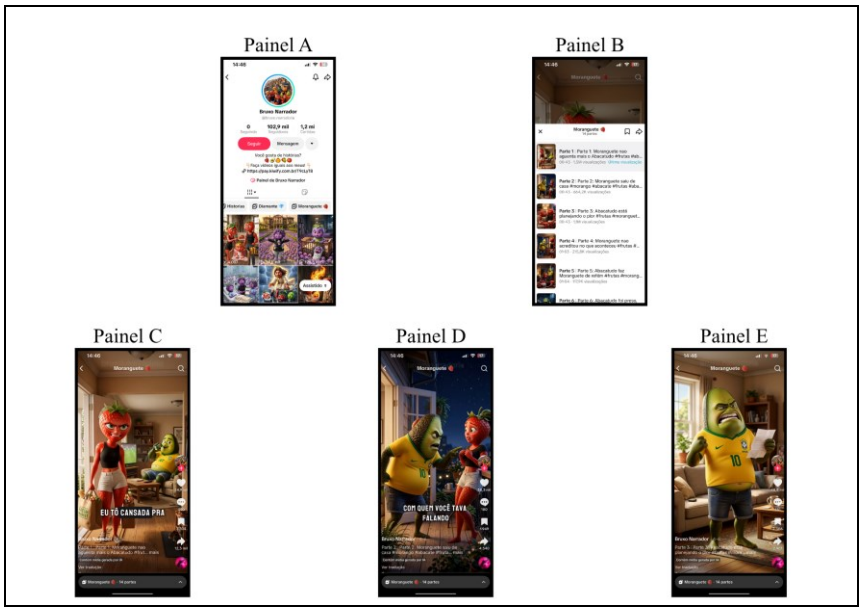
- **Objeto B (Autoral):** Tiras digitais do quadrinista Paulo Moreira. O recorte analisa 3 tiras sequenciais publicadas nas redes sociais do artista, reunidas em um mosaico analítico subdividido em painéis de leitura. As tiras foram selecionadas especificamente por exercerem uma reflexão metalinguística sobre o próprio avanço da automação, utilizando o humor para questionar a substituição do traço humano.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do tensionamento analítico dos objetos, notou-se que os vídeos de IA buscam o "encantamento" pelo espetáculo visual, com texturas hiper-realistas e vozes simuladas, mas operam em uma lógica de mercado que visa o lucro e o consumo rápido. Essa estática da transparência elimina a ambiguidade necessária para a construção de sentido.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Figura 1 - Ecossistema e materialidade das narrativas de IA



Fonte: Compilação do autor[2]

A organização dos elementos reunidos na Figura 1 explicita que a narrativa sintética funciona como uma isca mercadológica de engajamento rápida. No Painel A, a biografia da conta convida diretamente o usuário a aprender a fazer vídeos iguais aos do perfil, por meio de um link monetizável com venda de curso, revelando que a circulação do conteúdo serve de vitrine para infoprodutos sobre automação. No Painel B, a playlist dedicada à personagem "Moranguete" demonstra a fragmentação da série em episódios de curtíssima duração, que acumulam marcas massivas de audiência (entre 600 mil e 1,5 milhão de visualizações).

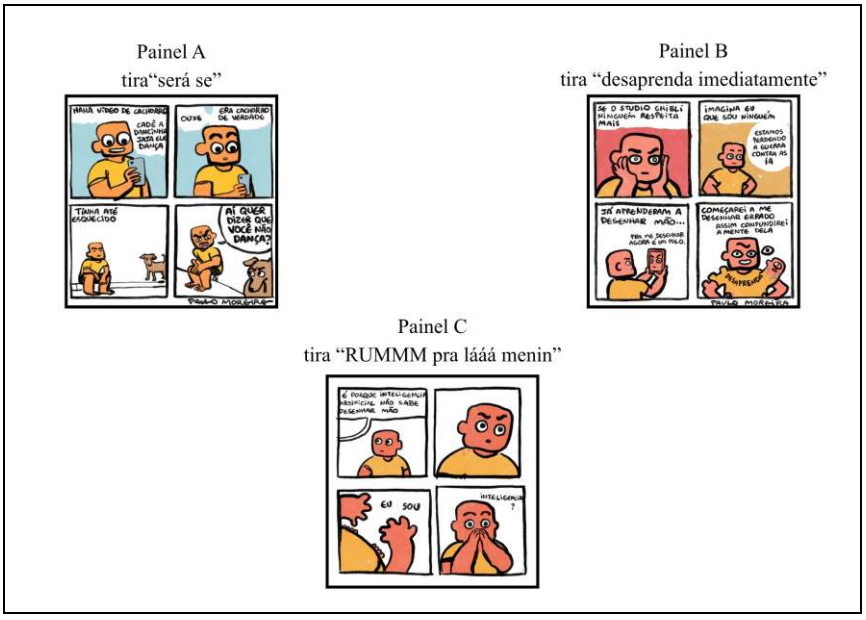
[2] Montagem a partir de capturas de tela coletadas do perfil @bruxo.narradoria no TikTok. Dados disponíveis em: https://www.tiktok.com/@bruxo.narradoria. Acesso em: 28 maio 2026.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Nas cenas internas do drama (Painéis C, D e E), as personagens "Moranguete" e "Abacatudo" são dispostas em cenários domésticos virtuais com iluminação calculada e texturas orgânicas simuladas. O texto é desenhado para prender o espectador no fluxo contínuo do feed, resultando no esvaziamento de sentido que manifesta-se em diálogos repetitivos e fórmulas dramáticas exageradas (traição, violência e reviravoltas), com o intuito de gerar repercussão imediata. Esses elementos funcionam como indícios da anti-hermenêutica, conforme postula Couldry (2014), pois a narrativa entrega um conflito genérico mastigado e não busca a profundidade do significado. As expressões emocionais das frutas são geradas por modelos probabilísticos, destituídas de intencionalidade ou experiência social histórica.

Em contrapartida, nas tiras de Paulo Moreira, o "reencantamento" ocorre pela necessidade de interpretação apurada do traço. A imagem atua como uma "zona de contato sensível" (SODRÉ, 2021), onde o traço não é apenas forma, mas o nexo atrativo que convoca o outro.

Figura 2 - As táticas de guerrilha gráfica de Paulo Moreira



ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Fonte: Compilação do autor[3]

O encadeamento das obras reunidas na Figura 2 demonstra a agência crítica do artista frente aos discursos tecnológicos. No Painel A (tira "RUMMM pra lááá menin"), observa-se o deslocamento do problema para o plano da recepção no bios midiático (SODRÉ, 2021). O personagem surge consumindo vídeos em seu smartphone, entediado, aguardando que um cão execute as coreografias espetaculares comuns em vídeos modificados por IA generativa no TikTok. Ao perceber que se trata de um animal real ("Ouxe, era cachorro de verdade... tinha até esquecido"), o personagem se frustra ("aí quer dizer que você não dança?"). A ironia denuncia o desencantamento do sujeito perante a vida ordinária: a hiper-realidade sintética satura de tal forma a percepção que o mundo real passa a ser cobrado por não atingir o espetáculo da técnica.

Essa discussão se aprofunda no Painel B (tira "desaprenda imediatamente"), onde Moreira propõe a deformação como tática de resistência: o desenho propositalmente grosseiro configura uma estética da opacidade que confunde a lógica de aprendizado da máquina. Diante da ameaça de que os sistemas de *machine learning* aprenderam a corrigir o desenho das mãos, o autor conclui: "começarei a me desenhar errado, assim confundirei a mente dela". O personagem então se dissolve em rabiscos caóticos, criando um ruído gráfico impossível de ser catalogado com autenticidade pela previsibilidade estatística dos algoritmos.

Por fim, no Painel C (tira "será se"), o personagem reflete sobre a premissa de que as ferramentas de IA não conseguem desenhar extremidades humanas com precisão.

[3] Montagem a partir de capturas de tela coletadas do perfil @paulomoreirap no Instagram. Dados disponíveis em: https://www.instagram.com/paulomoreirap/. Acesso em: 28 maio 2026.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Importante notar uma nuance cronológica na recepção dessas obras: embora posicionado ao final do mosaico por conveniência diagramática, o Painel C antecede temporalmente o Painel B. A tira foi gerada em um estágio anterior do desenvolvimento tecnológico, no momento em que os sistemas generativos ainda demonstravam notória incapacidade de mimetizar mãos com maior capacidade. Ao analisar as próprias mãos deformadas e com contagem absurda de dedos, marcas estilísticas históricas do autor, o personagem questiona ironicamente sua própria natureza: "eu sou... inteligência artificial?". Moreira brinca com a imperfeição anatômica do cartoon para marcar a distinção irreconciliável entre a reprodução estatística da máquina e a identidade orgânica do estilo autoral, estabelecendo o estopim histórico para a posterior tática de desaprendizado proposta no painel anterior.

Enquanto a IA opera sob uma probabilidade global, o humor de Moreira ancora-se em vivências sociais históricas, tornando o traço humano um dispositivo de reencantamento pela autenticidade do vínculo. A resistência de Moreira também reside na mobilização de uma identificação cultural situada, visível no uso de expressões como 'Ouxe' e referências a vídeos virais reais, recuperando o vínculo através da identificação cultural e do afeto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a resistência comunicacional diante da automação não reside na negação da tecnologia, mas na preservação da agência humana na circulação. Enquanto a IA promove uma unidimensionalização do pensamento, o traço de Paulo Moreira utiliza da ironia e do erro para convocar o sujeito ao pensamento crítico. O reencantamento, portanto, mostra-se possível através de linguagens que priorizam a qualidade do vínculo. Embora centrada nos quadrinhos, esta análise também provoca que a valorização da 'falha' pode ser transposta para outras artes. Na música ou na dublagem, por exemplo, a preservação de nuances orgânicas e imperfeições rítmicas atua como

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

uma fenda contra a transparência sintética, permitindo que o sujeito se reconheça na obra através de um vínculo que a automação, em sua busca por eficiência, tende a neutralizar.

Referências

FAUSTO NETO, Antonio. As bordas da circulação... Rio de Janeiro: ALCEU (PUC-Rio), 2010.

LOSSO, Eduardo Guerreiro B. Encantamento, desencantamento e reencantamento. Rio de Janeiro: Revista Terceira Margem (UFRJ), 2026.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. São Paulo: MATRIZes, 2008.

PORTO KOK, Maria da Glória. Resenha de Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: R. História (USP), 1990.

SODRÉ, Muniz. A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

COULDRY, Nick. A necessary disenchantment: myth, agency and injustice in a digital world. London: The Sociological Review, 2014.